

# fragmentação, vitalismo e imanência: o olhar da obscuridade em clarice lispector e maurice blanchot

fragmentation, vitalism and immanence: the look of  
obscurity in clarice lispector and Maurice Blanchot

adriano ferraz<sup>1</sup>

## resumo

Há uma relação notável entre dois escritores que se avizinham no abismo: Maurice Blanchot e Clarice Lispector. Partícipes da mesma crise das representações e da modernidade, ambos se debruçam sobre o ser da linguagem e fazem da escrita um exercício do pensamento a partir deste lugar outro, de estranhamento e alteridade radical. A análise deste *outro* insurgente na escrita nos impele uma aliança entre filosofia, literatura e psicanálise para situar o campo de experiência na intersecção de real, simbólico e imaginário, mas também para trazer à tona o plano de imanência em que habitam. Ambos se valem de um procedimento de esvaziamento da escrita, colocando em movimento o princípio de desaparecimento e fragmentação que será essencial às suas criações literárias. Desta maneira, o presente trabalho busca conjugar os campos teóricos da experiência intensa de escrita blanchotiana e clariciana em torno de quatro aspectos fundamentais: o plano de imanência de que partem, a hipótese de um vitalismo obscuro, a narratividade de uma exigência fragmentária e a alteridade radical do neutro como principal linha de força do pensamento filosófico compartilhado por Clarice e Blanchot.

## palavras-chave

Escrita Fragmentária; Blanchot; Clarice Lispector; Neutro; Literatura.

## abstract

*There is a remarkable relationship between two writers who are approaching the abyss: Maurice Blanchot and Clarice Lispector. Participants in the same crisis of representations and modernity, both focus on the being of language and make writing an exercise in thinking from this other place, of estrangement and radical alterity. The analysis of this other insurgent in writing impels us to form an alliance between philosophy, literature and psychoanalysis to place the field of experience at the intersection of the real, symbolic and imaginary, but also to bring to light the plane of immanence in which they inhabit. Both make use of a procedure of emptying writing, setting in motion the principle of disappearance and fragmentation that will be essential to their literary creations. In this way, the present work seeks to combine the theoretical fields of the intense experience of Blanchotian and Clarice writing around four fundamental aspects: the plane of immanence from which they start, the hypothesis of an obscure vitalism, the narrativity of a fragmentary demand and the otherness radical of the neutral as the main thrust of the philosophical thought shared by Clarice and Blanchot.*

## keywords

Fragmentary Writing; Blanchot; Clarice Lispector; Neutral; Literature.

<sup>1</sup> Mestre (2014) e Doutor (2018) em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa sobre a Filosofia da Diferença (GPDF) e do Núcleo de Filosofias da Criação (NFC-UFRJ). Professor da Rede Estadual de Educação de São Paulo. Tutor EAD do Curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio UAB\Unifesp. Contato: adrianohsferraz@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Entre Maurice Blanchot (1907-2003) e Clarice Lispector (1920-1977) há um campo de similitudes e paralelismos ainda a ser explorado. Podemos nos debruçar sobre sua gênese, estilo, intertexto, escrita e mesmo ontologia. Blanchot e Clarice são escritores que escavam o texto, dissecam a palavra, escarnificam o sentido para fazerem nascer o estranho das fissuras abertas de um sujeito elidido, uma escrita sempre no limiar do sentido<sup>2</sup>. Ambos habitam a região da narrativa cuja experiência principal é chegar ao limite do que pode ser dito no espaço-tempo da linguagem segundo a condição de impossibilidade da experiência ficcional própria da narrativa. Limite também da interpretação e da experiência leitora que revelam o princípio de desaparecimento do autor e a tendência da literatura ao desaparecimento<sup>3</sup>. Limite, por fim, da voz narrativa entre aquilo que representa e o ato de representar. A ideia de experiência-limite<sup>4</sup> carrega em si mesma o caráter narrativo destes autores pelo esgotamento do fenômeno em direção à inexorável coisa mesma, esgotamento do sujeito que se perderá de sua identidade, das categorias analíticas soçobradas pela proliferação e excesso das imagens. Em virtude deste esgotamento geral da experiência e da vida instaura-se uma *crise do sentido* no limite dos paradoxos trazidos à cena literária. Lembremos que *L'Entretien Infini* (1969) começa pelo cansaço, pela conversa já fatigada e desgastada entre dois amigos, cujo esgotamento é condição essencial para a queda da palavra diurna da razão e o surgimento consequente do pensamento intenso. Em Clarice tal cansaço essencial aparecerá tanto pela experiência de tédio como pela extenuação da existência em seus personagens, irrupção do esplendor terrível do ser no cerne da banalidade cotidiana na forma de uma revelação<sup>5</sup>. O esgotamento clariciano é um esgotamento pelo excesso. Lembremos de G.H. imobilizada pelo horror no quarto da empregada, do esvaziamento de si própria onde desfalece poderosamente diante da vertigem da existência nua que extravasa a experiência ao mesmo tempo fascinante e terrível da vida profunda<sup>6</sup>.

Há em ambas as escritas um lugar de vizinhança, de consistência estético-ontológica coerente com a exigência fragmentária latente em suas obras. Embora, até onde pudemos verificar, não haja evidência historiográfica de relação direta ou leituras que possam ter realizado um sobre o outro, o campo no qual se encontram é pleno de correlações e convergências. Estética do fracasso, do esvaziamento, do desastre, do desaparecimento.

<sup>2</sup> MARTENDAL, A. *A Escrita no Limiar do Sentido*. São Paulo: Escuta, 2007, p. 25. “Clarice é inquieta e impelida sempre a fazer algo acerca desse lugar que denominei limbo, do qual o sujeito não pode ser arrancado para que retorne à vida, vida cruel. Nesse momento, os artifícios que colecionou começam a naufragar, as vozes dos apresentadores da nobre televisão brasileira começam a se tornar intoleráveis, a rotina extremamente dura no trabalho o faz pensar sobre o rumo que tem tomado, e seu Deus já não lhe dá respostas convincentes. Um incômodo e tanto, mas também um incômodo que não basta. Há algo que amarra ao limbo, e mesmo procurando mudar permanece onde está”.

<sup>3</sup> Cf. PAVINI, R. O “Desaparecimento do Autor” Como Abertura Para o Pensamento em Blanchot e Foucault”. In: *Dissertatio*, n. 54, 2021, p. 165-188. Ver também BLANCHOT, M. *O Livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285. “Às vezes nos fazem estranhas perguntas; esta, por exemplo: “quais são as tendências da literatura atual?” ou então: “Para onde vai a literatura?” Sim, pergunta espantosa, mas o mais espantoso é que se há uma resposta, esta é fácil: a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento”.

<sup>4</sup> Cf. FILHO, E. A. A. & CASAL, A. M. Experiência interior, experiência-limite: escrever sob atração do impossível pensamento do desastre. In: *Guarapuava*, n. 1, v. 2, 2011, p. 55-68. Sobre a relação entre Bataille, Blanchot, Nietzsche e Klossowski ver FOUCAULT, M. *Entretien avec Michel Foucault*. In: *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994, p. 41-95.

<sup>5</sup> Cf. LISPECTOR, C. *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 140-143.

<sup>6</sup> LISPECTOR, C. *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 146. “Não te assustes como estou assustada: não pode ser ruim ter visto a vida em seu plasma. É perigoso, é pecado, mas não pode ser ruim, porque somos feitos deste plasma. – Escuta, não te assustes: lembra-te que comi do fruto proibido e no entanto não fui fulminada pela orgia do ser. Então, ouve: isso quer dizer que eu me salvarei ainda mais do que se não tivesse comido do fruto da vida... Ouve, por eu ter mergulhado no abismo é que estou começando a amar o abismo de que sou feita”.

Lugar onde o literário e o filosófico se entrecruzam, onde o campo teórico e a experiência literária se justapõem e se imbricam em simultaneidade. Os seus métodos, procedimentos e experiências produzem uma intertextualidade que responde por sua vez a narratividade fragmentária e a um vitalismo de outro gênero, mais nietzschiano e obscuro que o vitalismo bergsoniano, lugar em que o narrador descobre um “impoder” essencial e imperativo, uma força exterior em que penso lá onde não sou, onde o meu pensamento se exerce sem um eu e onde reencontro a mim mesmo num fora: onde não existo<sup>7</sup>.

Estas sucessivas rupturas, que caracterizam a expansão do campo literário, nos levam ao objetivo central de nossa investigação que é a elucidação de três eixos que parecem evidenciar a consistência filosófica que atravessa o pensamento de Maurice Blanchot e Clarice Lispector: a) o *plano de imanência* dos postulados estético-ontológicos da criação literária. A literatura de Clarice tem uma forte presença filosófica de Espinosa, Bergson, de conceitos do existencialismo, mas é sobretudo Nietzsche<sup>8</sup> quem parece exercer a maior força de tração em direção ao indeterminado e ao intempestivo. Blanchot também parte da filosofia heideggeriana em direção a este lugar mais nietzschiano no qual o pensamento se coaduna às escritas literárias que por sua vez operam por meio da narrativa a crise da modernidade e da representação. Esta relação filosófico-literária cria a consistência pela qual Blanchot e Clarice entram na companhia um do outro. b) O segundo eixo é o *vitalismo obscuro*, aprofundando a hipótese de uma dimensão “ultrarrealista” da experiência em que o vitalismo bergsonista se alarga em direção a uma dimensão do ser “sem-espço” e “sem-tempo”, vazio e neutro deste materialismo diferencial. Em Blanchot o vislumbre de tal vitalismo *sui generis* aparecerá na forma do paradoxo e na ambiguidade entre vida e morte, região *extra-ser* de um espaço criador, e em Clarice por um materialismo intensivo, uma produtividade subterrânea e excessiva que é plenamente possível correlacionar à ideia de corpo-sem-órgãos em Deleuze e Guattari. c) O terceiro eixo trata das características da *exigência e produtividade fragmentária da escrita* quando voltada para a dimensão intempestiva do instante, dos dados imediatos e do princípio de desaparecimento.

Com este percurso acreditamos ser possível elucidar ou delinear três eixos transversais às nossas hipóteses iniciais: a intertextualidade filosófico-literária em Clarice Lispector e Maurice Blanchot, os procedimentos da escrita fragmentária no bojo da ideia de neutro como conceito comum entre eles e a filosofia da diferença e, por fim, a delineação de um paradigma estético-literário da crise da subjetividade moderna na esteira do vanguardismo ou ao menos uma compreensão dos postulados da criação literária tal como se estabeleceu após a II Guerra Mundial e o que ela lega para a produtividade filosófico-literária atual. Ressaltamos que nosso intento neste artigo é fazer uma sondagem inicial de campo problemático profícuo à investigação cujas convergências estarão mais evidenciadas do que as diferenças, trabalho este que ficará para outro momento.

## IMANÊNCIA

Salta aos olhos do leitor de Clarice, desde seu livro inaugural, a mobilização de três pensamentos filosóficos que se distinguem dos demais por uma característica primordial:

<sup>7</sup> Cf. BLANCHOT, M. *Thomas, L'Obscur*. Paris, Gallimard, 1950, p. 114-116. (Tradução de Rogério Confortin contida em anexo à sua tese: *Teatralidade e Gestualidade em Clarice Lispector e Maurice Blanchot*. Florianópolis: UFSC, 2009, p. 460) “Je pense, donc je ne suis pas” [...] “Eu penso: diz Thomas, e este Thomas invisível, inexprimível, inexistente que eu me torno, faz com que de agora em diante eu não esteja nunca aí onde eu estava, e que não haja aí nada de misterioso. Minha existência torna-se inteira aquela de um ausente que, a cada ato que eu cumprisse, se produzia o mesmo ato aí não se cumprindo”.

<sup>8</sup> Tríade base do pensamento da imanência de Gilles Deleuze.

a imanência. Desde *Perto do Coração Selvagem* (1943), Nietzsche, Bergson e Espinosa são convocados aos agenciamentos literários claricianos. Há um desejo de diálogo filosófico e investigação especulativa no interior da sua narrativa, que, no entanto, não se faz por meio do discurso convencional. Os conceitos figuram-se em imagens providas de uma experiência de escrita imbuída por sua vez de uma força de exterioridade na região de limite do sentido com o não-sentido. Esta característica de um pensamento que se vale de imagens-conceitos fugidios e paradoxais como o neutro, deserto, silêncio, vazio, murmúrio, acaso etc., é também um dos aspectos centrais da forma pela qual Blanchot constrói seu pensamento crítico e literário. Como poderemos afirmar imanentes estes pensamentos produzidos numa região de exterioridade pura? Como entender este algo que, sendo imanente, é, no entanto, completamente outro? A psicanálise explica este aparente oxímoro mostrando que no interior do sujeito há algo que, sendo outro é mais eu mesmo do que eu próprio, um inconsciente, um lugar da psique e da existência onde o eu penso se dissocia do eu sou<sup>9</sup>. Tanto Clarice como Blanchot buscam a ambiência de um lugar em que deixo de falar por mim para fazer com que algo impessoal em mim que é mais eu do que eu fale. A escrita literária é, então, menos o lugar em que este outro fala por mim do que eu falando em nome do outro em mim. Blanchot concebe a lei da escrita literária como um *pacto de não interferência na sua própria voz narrativa* a fim de que este outro emergja, como na associação livre da psicanálise ou na escrita automática do surrealismo (lembrando que, para o autor de *Thomás, L'Obscur*, a literatura já é em si mesma escrita automática). Contudo, a definição mais clara deste paradoxo da imanência do outro vem da filosofia de Gilles Deleuze em seu artigo *Imanência, uma vida...*:

A imanência absoluta é em si mesma: não está em alguma coisa, não é imanência a alguma coisa, não depende de um objeto e não pertence a um sujeito. Em Espinosa, a imanência não é imanência à substância, mas a substância e os modos estão na imanência. [...] Dir-se-á da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada mais. Ela não é imanência à vida, mas a imanência que não está em nada e é ela mesma uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência, beatitude completa<sup>10</sup>.

Vemos no último artigo que Deleuze escreveu a definição de uma potência autodeterminada da vida como fundo da produtividade em geral que não se refere nem ao sujeito nem ao objeto. O campo transcendental da virtualidade e da imanência é, portanto, *neutro*. Não é outra a caracterização que Clarice dá ao domínio de sua escrita: uma vida que lhe ultrapassa e se coaduna com certo regime de morte. “[...] por um átimo experimentei a vivificadora morte. A fina morte que me faz manusear o proibido tecido da vida”<sup>11</sup>. Blanchot endossa e complementa: morte que se realiza num espaço criador, ou seja, que é também uma vida<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Cf. BLANCHOT, M. *Thomas, L'Obscur*. Paris, Gallimard, 1950, p. 114-115. Ver também LACAN, J. *O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954-1955)*. (O Seminário, 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 9-22.

<sup>10</sup> DELEUZE, G. *Imanência, uma vida...* Trad. Sandro Kobol Fornazari. *Limiar*, v. 2, n. 4, 2016, p. 178-181.

<sup>11</sup> LISPECTOR, C. *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 13.

<sup>12</sup> Cf. DELEUZE, G. *Imanência, uma vida...* Trad. Sandro Kobol Fornazari. *Limiar*, v. 2, n. 4, 2016, p. 179. Sobre como vida e morte se encontram na imanência: “Ninguém melhor que Dickens narrou o que é *uma vida*, levando em conta o artigo indefinido como índice do transcendental. Um canalha, um mau sujeito desprezado por todos cai agonizante e eis que aqueles que cuidam dele manifestam uma espécie de solicitude, de respeito, de amor pelo menor sinal de vida do moribundo. Todo mundo se ocupa em salvá-lo, ao ponto em que no mais profundo de seu coma o próprio infame sente alguma coisa doce lhe penetrar. Mas, à medida que ele retorna à vida, seus salvadores se fazem mais frios, e ele recobra toda sua grosseria, sua maldade. Entre sua vida e sua morte, há um momento que não é mais aquele de *uma vida* jogando com a morte. A vida deu lugar a uma vida impessoal e, no entanto, singular que depende de um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, isto é, da subjetividade da objetividade do que acontece”.

[...] aquilo que os poetas fundam, o espaço – abismo e fundamento da palavra –, é o que não permanece, e a estadia [*séjour*] autêntica não é o abrigo onde o homem se preserva, mas a relação com o perigo [*l'écueil*], pela perda e pelo abismo, e com a “memorável crise” que somente ela, permite atingir o **vazio movente**, lugar onde a tarefa criadora começa<sup>13</sup>.

Certamente, tanto em Blanchot quanto em Clarice, se encontram traços do existencialismo e da fenomenologia, pois estão em diálogo com a filosofia de seu contexto (o conceito de mundo, o negativo, a morte, o cotidiano, o vivido, o aberto). Contudo, a marca nietzschiana<sup>14</sup> em ambos é indelével e torna-se o ponto de convergência de suas obras, nódulo ou quiasma em que determinação e indeterminação engendram uma dinâmica autopoiética da escrita literária. Não cabe em Blanchot ou Clarice algo como um *ser-para-a-morte* heideggeriano, haja vista a natureza imanente a si própria e produtiva disto a que se referem como morte. Ambos procuram chegar o mais próximo da região em que do caos se emerge uma forma, mas também onde as forças soçobram em seu retorno ao indeterminado, ao intempestivo. Em que momento saímos do mundo das coisas, da realidade cotidiana, para habitar este reino disforme da imanência, “sem espaço” e “sem tempo”<sup>15</sup>, onde tudo ainda está por vir? Esta é a questão central no pensamento de Clarice. Um *outro* que aparece no espaço de hiância, no duplo, na fragmentação, no vazio intersticial e se realiza como sombra no mundo, crivando em tudo o espectro ausente da “matéria” neutra.

[...] só o amor de todo o universo por mim poderia me consolar e me cumular, só um tal amor que a própria célula-ovo das coisas vibrasse com o que estou chamando de um amor. Daquilo a que na verdade chamo mas sem saber-lhe o nome.

Terá sido o amor o que vi? Mas que amor é esse tão cego como o de uma célula-ovo? foi isso? aquele horror, isso era amor? amor tão neutro que – não, não quero ainda me falar, falar agora seria precipitar um contido como que depressa se imobiliza na segurança paralisadora de uma terceira perna<sup>16</sup>.

O neutro é um dos conceitos mais importantes, senão o mais importante, que Blanchot e Clarice compartilham. Em ambos ele exerce a mesma função: descrever a despeito da precariedade que evoca o estofo subterrâneo da realidade que só aparece onde o mundo não sustenta mais o véu analgésico do sentido. Nos dois escritores podemos associá-lo (o neutro) ao conceito lacaniano de real, que não tendo determinação própria, apenas rumor e latência, projeta no mundo uma sombra de instabilidade, de desagregação,

<sup>13</sup> BLANCHOT, M. *O Livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 350.

<sup>14</sup> Cf. MARTON, S. *Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990. “No *amor fati*, Nietzsche pretende descobrir a “fórmula da grandeza do homem”. Nem conformismo, nem resignação, nem submissão passiva: *amor*, nem lei, nem causa, nem fim: *fatum*. Converter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, o adversário em aliado é afirmar, com alegria, o acaso e a necessidade ao mesmo tempo; é dizer sim à vida. No além do Homem, o filósofo que apontar uma nova maneira de sentir, pensar, avaliar. Nem fruto de um progresso, nem ponto culminante de uma reta ascendente, ele intervém num momento qualquer do processo circular eterno, que é o mundo. Fazendo surgir novos valores, recria o passado e transforma o futuro. Com o *amor fati*, o pensamento do eterno retorno assume caráter “educador” e “disciplinar”; com o além do homem, torna-se “princípio seletivo”. Num caso, induz à aceitação amorosa do que advém, no outro, exige a intervenção no movimento cíclico. Mais ainda: se, no quadro da cosmologia, reflete a impossibilidade de um *telos*, no da crítica dos valores, indica uma finalidade a realizar”, p. 223.

<sup>15</sup> LISPECTOR, C. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro, Rocco, 2019b, p. 128. “A noite densa e escura foi cortada ao meio, separada em dois blocos negros de sono. Onde estava? Entre os dois pedaços, vendo-os – o que já dormira e o que ainda iria dormir –, isolada no *sem tempo* e no *sem espaço*, num intervalo vazio”.

<sup>16</sup> LISPECTOR, C. *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 17.



mal-estar e suspeita como a de um certo *gênio maligno*, precursor da desidentidade e desorganização instaladas no coração do mundo. Um *outro* imanente ao mesmo.

Em Clarice é constante e perturbadora a menção a “o Deus”. Contudo esta evocação traz em si um estranhamento em relação a teologia cristã. Pois em seus textos se trata menos do Deus abraâmico do que da imanência espinosista, razão pela qual o Deus de Clarice é um Deus surdo, *neutro*, cruel, indiferente, que, em suma, desapareceu e deixou em seu lugar tal vazio (objeto deste amor *outro* de G.H., desta paixão trágica pela derrocada que é a vida)<sup>17</sup>. Este mesmo ponto nodal, umbral do tempo indeciso e da matéria rarefeita, será lido por Blanchot como o olhar da obscuridade e da fascinação<sup>18</sup>. O neutro, segundo Clarice, é este algo (“it”, “x”, “coisa”, “matéria viva e úmida”, “real”, “carne infinita”, “quarta dimensão do instante-já”) indeterminado e incomunicável ao qual só nos aproximamos já perdendo a possibilidade de compreendê-lo em sua totalidade. Eis porque é preciso lançar-se no movimento de fragmentação e elisão das identidades e sentidos para trazer de alguma maneira algo de seu ser, ou melhor, de seu não-ser, da evidência de sua rarefação, em sua insipidez. “[...] a vida tem o puríssimo gosto do nada. [...] A essência é de uma insipidez pungente”<sup>19</sup>.

O meio pelo qual ainda é possível se lançar neste processo de desidentificação criadora, sem soçobrar na desintegração total da identidade, é justamente a dramatização<sup>20</sup> que a escrita realiza: transformação da matéria intensa da imanência em matéria de expressão. E na literatura esta passagem realiza-se por meio da concretude da palavra<sup>21</sup>. A escrita não só dá forma – e em Clarice muitas vezes uma forma caleidoscópica<sup>22</sup> – a esta espécie de matéria incapturável do real, da imanência, mas propicia também o mergulho, o atravessamento ao avesso do vivido e seu retorno de tal mergulho como saúde. “Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que está atrás do pensamento”.

Atrás do pensamento atinjo um estado. Recuso-me a dividi-lo em palavras – e o que não posso e não quero exprimir fica sendo o mais secreto dos meus segredos. Sei que tenho medo de momentos nos quais não uso o pensamento e é um momentâneo estado difícil de ser alcançado, e que, todo secreto, não usa mais as palavras com que se produzem pensamentos. Não usar palavras é perder a identidade? É se perder nas essenciais trevas daninhas?

Perco a identidade do mundo em mim e existo sem garantias. Realizo o irrealizável, mas o irrealizável eu vivo e o significado de mim e do mundo e de ti não é evidente. É fantástico, e lido comigo nesses momentos com imensa delicadeza. Deus é uma forma do ser? É a abstração que se materializa na natureza

<sup>17</sup> NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quiron. 1989. p. 69. “Na visão imanentista que a narradora, numa experiência agônica, sobrepõe penosamente ao salvacionismo cristão mais reinterpretado do que anulado, Deus e o homem situar-se-iam num mesmo plano ontológico, conservando-se embora a carência do último, já com um sentido trágico, posto que a ação providencial e a transcendência de Deus foram substituídas pela existência substantiva pura e pela atualidade do ser”.

<sup>18</sup> BLANCHOT, M. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b, p. 21.

<sup>19</sup> LISPECTOR, C. *Op. Cit.*, p. 174.

<sup>20</sup> Cf. DELEUZE, G. O Método de Dramatização In: *Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 131.

<sup>21</sup> GUERON, R. O Pássaro Duchaniano de Deleuze e Guattari. In: *Trágica: estudos de filosofia da Imanência* v. 8, n. 3, 2015, p. 36. “É a transformação da matéria em “matéria de expressão” que vai marcar a arte como uma espécie de evento-chave no pensamento de Deleuze e Guattari. Mas a matéria de expressão que emerge desta espécie de virada da matéria não parece designar apenas o que constitui a arte, mas também o que constitui a própria linguagem. Ou seja, há uma proximidade entre o “evento linguagem” (expressão nossa) e o “evento arte”, que nos chama atenção”.

<sup>22</sup> DELEUZE, G. Hélène Cixous ou a escrita estroboscópica. In: *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 320. Deleuze afirma sobre Hélène Cixous, grande entusiasta da Obra de Lispector, que havia desenvolvido uma metodologia de “escrita estroboscópica”. Boa parte deste estilo se deve à sua filiação, entre outros grandes autores da crítica à modernidade, à obra de Lispector como momento maior de criação, como atesta em seu *Readings: The Poetics of Blanchot, Joyce, Kafka, Kleist, Lispector and Tsvetayeva*, onde Clarice Lispector ganha relevo em relação à literatura mundial.

do que existe? Minhas razões estão nas trevas divinas. Raízes sonolentas. Vacilando nas escuridões<sup>23</sup>.

Sondar este espaço, segundo Blanchot, é morrer<sup>24</sup>. Mas o que significa este morrer que não é o de um ser-para-a-morte, em que não há dasein nem doação de sentido para o mundo, mas sim uma forma de imanência?<sup>25</sup> A morte é o signo da exterioridade pura da qual somos imanes quando escrevemos. Reencontrar a morte por meio da escrita é reencontrar este algo *outro*, outro até para a própria morte<sup>26</sup>, e que nos entrega a experiência limite do deixar de ser, da desrealização, do esquecimento, do desidêntico de si próprio que a linguagem pelo seu poder de paradoxo cria.

O que pretende a escrita? Libertar-nos do que é. E o que é é tudo, mas é primeiro a presença das “coisas sólidas e preponderantes”, tudo o que para nós marca o domínio do mundo objetivo. Essa libertação se realiza graças à estranha possibilidade que temos de criar o vácuo ao nosso redor, de colocar uma distância entre nós e as coisas. Essa possibilidade é autêntica porque está ligada ao sentimento mais profundo da nossa existência, a angústia, dizem uns, o tédio, diz Mallarmé. Vimos que ela corresponde exatamente à função da escrita, cujo papel é substituir a coisa por sua ausência, o objeto por seu “desaparecimento vibratório”. A literatura tem por lei esse movimento na direção de outra coisa, na direção de um *para-além* que, no entanto, nos escapa, já que não pode ser, e do qual só retemos “para nós” que “o consciente falta”. É então essa falta, esse vazio, esse espaço vago que é objeto e a própria criação da linguagem<sup>27</sup>.

Não se trata, portanto, de uma morte que encerra a vida, mas que a encontra mais intensa pelo extravasamento do *outro*, do *neutro*, da *matéria*, da *imanência*, pelas fissuras da escrita. Um morrer fiel à “grande morte” impessoal que a morte própria aniquilaria<sup>28</sup>. Reencontrar o lugar em que o estranho elidiu o sentido que mantém o mundo e a realidade vivida unidas, coerentes, bonitas e bem-comportadas. Eis porque Deleuze afirma que o grande poder *menor* da literatura e sua relação intrínseca a uma ontologia política está relacionado a este estado em que deixo de ser eu para devir um outro<sup>29</sup>.

<sup>23</sup> LISPECTOR, C. 2019a, p. 75. Ver também DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 11. “Beckett falava em “perfurar buracos” na linguagem para ver e ouvir “o que está escondido atrás”.

<sup>24</sup> BLANCHOT, M. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b, p.31. “Quem sonda o verso morre, reencontra a sua morte como abismo”.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 132-134. “[...] deve não só existir morte para mim no último momento, mas morte desde que vivo e na intimidade e profundidade da vida. A morte faria, portanto, parte da existência, viveria em minha vida, no mais íntimo de mim. [...] posso, segundo uma escolha obscura que me incumbe, morrer da grande morte que trago comigo, mas também dessa morte mesquinha, azeda e verde, da qual não soube fazer um belo fruto [...] É preciso que a minha morte se me torne cada vez mais interior: que ela seja como a minha forma invisível, o meu gesto, o silêncio do meu segredo mais escondido. Tenho algo a fazer para fazê-la, tenho tudo a fazer, ela deve ser obra minha, é a parte de mim que não ilumino, que não atinjo e da qual não sou senhor”.

<sup>26</sup> BLANCHOT, M. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b, p. 135. “Dizer que Rilke afirma a imanência da morte na vida, é falar exatamente, sem dúvida, mas tomar também o seu pensamento de modo unilateral: essa imanência não é dada, é a realizar, é a nossa tarefa, e tal tarefa não consiste somente em humanizar ou em dominar por um ato paciente a estranheza da nossa morte, mas em respeitar a sua “transcendência”; cumpre entender nela o absolutamente estranho, obedecer ao que nos supera e ser fiel ao que nos exclui. Como proceder para morrer sem trair essa potência suprema que é a morte? Dupla tarefa, portanto: morrer de uma morte que não me traia – morrer eu mesmo sem trair a verdade e a essência da morte”.

<sup>27</sup> BLANCHOT, M. *A Parte do Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a. p.47.

<sup>28</sup> Cf. BLANCHOT, M. *Op. Cit.* 2011b, p. 136.

<sup>29</sup> DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 14-15. “[...] não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro, mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornariam impossíveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. [...] Embora remeta sempre à agentes singulares, a literatura é agenciamento coletivo de enunciação. A literatura é delírio, mas o delírio não diz respeito a pai-mãe: não há delírio que não passe pelos

## VITALISMO OBSCURO

Afirmamos que Blanchot e Clarice estão muito próximos em seu campo estético-ontológico. Uma destas proximidades notáveis é o uso ambíguo que fazem do bergsonismo, tornando-o assaz meontológico, ultrapassando seus pressupostos originais em direção a este outro domínio da experiência, qual seja, o da morte e da ausência de tempo imanentes à escrita literária. Conhecemos em Blanchot o movimento desta ambiguidade no capítulo final de *O Livro por Vir* (1959), no qual trata da estrutura do espaço literário como um lugar em que a linguagem emula um espectro negativo do bergsonismo: tempo sem duração, élan sem vida, movimento sem memória<sup>30</sup>.

Não há em Clarice um momento sequer que não evoque a vida como potência imanente a si mesma. Sua obra abre-se para um vitalismo de outro gênero, na esteira da crítica à modernidade, à subjetividade e às representações. Isto porque, tal como em Blanchot, ainda que tome uma distância conceitual considerável em relação ao pensador de *Matéria e Memória*, não deixa de manter em si linhas de força caras ao bergsonismo, como a ideia de um impulso vital e a precariedade da linguagem na produção de um conhecimento da duração. No capítulo “Alegrias de Joana” em *Perto do Coração Selvagem*, Clarice nos dá uma amostra de seu teor bergsonista:

Definir a eternidade como uma qualidade maior de tempo e maior mesmo do que o tempo que a mente humana pode suportar em ideia também não permitiria, ainda assim, alcançar sua duração. Sua qualidade era exatamente não ter quantidade, não ser mensurável e divisível porque tudo o que se pode medir tinha um princípio e um fim. Eternidade não era a quantidade infinitamente grande que se desgastara, mas eternidade era a sucessão<sup>31</sup>.

Este capítulo do romance inaugural da escritora versa sobre a memória da infância e como a ela concebe o pensamento e a subjetividade diurnas: a música, a visão que intui as coisas nelas mesmas, os sonhos claros e a memória viva. Contudo, logo em seguida se desenha um quadro bastante diferente desta luminosidade alegre. Joana será afetada pelo delírio de uma voz estranha, de um grande murmurar: “bastava uma pequena pausa, um pouco de silêncio, para ele agigantar-se e surgir em primeiro plano, os olhos abertos, o murmúrio leve e constante como o de água entre pedras. [...] Aconteciam-lhe coisas vindas de fora. Mas apenas vinham adensar ou enfraquecer o murmúrio do seu centro”<sup>32</sup>. Tal murmúrio imperativo, como um duplo, acabou por dividir Joana em uma profunda desidentificação de si, em que não mais se reconhecia. Começa então o seu roteiro

---

povos, pelas raças e tribos, e que não ocupe a história universal. [...] O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante. Mas ele é a medida da saúde quando evoca essa raça bastarda e oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura”.

<sup>30</sup> FERRAZ, A.H.S. “De um bergsonismo sem duração, sem memória, sem élan” In: *Para uma Estética do Desaparecimento em Maurice Blanchot: a diferença interna da morte, a forma vazia do tempo e como Gilles Deleuze empregou estes conceitos*. Tese. Guarulhos: Unifesp, 2018. p. 107 “[...] neste esforço de se fazer um simulacro do bergsonismo, a intuição poética em Blanchot tem continuidades e rupturas com a intuição filosófica, mas que se afirma sobretudo por uma produção que faz a transmissão da força indeterminada do fora numa atualização determinada e concreta por meio da linguagem. De modo que o instante gera tal intuição poética, numa análise comparada, lá onde a dimensão criadora do elemento que vinha a ser considerado como uma impostura passa a ser fortemente legitimado. O Abismo da noite sem fundo e o retorno involuntário das imagens até podem ser comparáveis a todo o campo virtual do processo de duração bergsoniana, contudo os sentidos das duas doutrinas são inversos. Se Bergson depende da subjetividade e da interioridade para a produção das imagens, Blanchot reafirma a autonomia e a monstruosidade de uma linguagem sem sujeito, de uma subjetividade que se desmancha e não ressurge senão por uma voz que não é a sua, mas de uma exterioridade absoluta”.

<sup>31</sup> LISPECTOR, C. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro, Rocco, 2019b, p. 42.

<sup>32</sup> LISPECTOR, C. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro, Rocco, 2019b, p. 72.



agônico<sup>33</sup> e com ele uma sequência de conceitos que não se coadunam ao bergsonismo: o sem-tempo e sem-espço<sup>34</sup>, instante e simultaneidade<sup>35</sup>, silêncio e abismo<sup>36</sup>, “substância cega” e “nova matéria”<sup>37</sup>.

A *Paixão segundo GH* é uma narrativa inteiramente voltada para esta busca do “plasma neutro”, da “matéria primordial”<sup>38</sup>. Clarice utiliza aqui termos outros para descrever isto que chamamos de *vitalismo obscuro*: deserto<sup>39</sup>, a boca real<sup>40</sup>, célula-ovo do caos<sup>41</sup>, amor neutro<sup>42</sup>, carne infinita<sup>43</sup>. “[...] como se eu tivesse cavado e cavado com dedos duros e ávidos até encontrar em mim um fio bebível de vida que era o de uma morte”<sup>44</sup>. A vida que se afirma face ao horror revelado pela experiência profunda Clarice chama de amor. Tal paixão radical pela existência é a colocação em cena de um *amor-fati* nietzschiano. Amor até pelo que me perturba, me incomoda e me dilacera. Isso que me consome e que também nutre a vida maior em mim. Isso que me mutila, me fragmenta e me dissolve também faz parte da minha grande saúde. Aceito isto como amor porque a vida ela mesma (por conseguinte eu mesmo), é (sou) essa “ostra mole se contorcendo”, “viva e úmida”, nauseante, estupefaciente, entregue ao “coração das trevas”. Mas por que esta matéria vital (forçando novamente o bergsonismo além de seus limites) continua sendo objeto de uma obscuridade e de um enigma que diz respeito à morte? Pois tal matéria, mais *real* que a própria realidade, é incomunicável, incompreensível, irrepresentável por meio do discurso<sup>45</sup>.

Segundo Renata Wasserman<sup>46</sup>, o misticismo idiossincrático de Lispector acontece na região de “desapossamento do núcleo de identidade” em vista da “aceitação do

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 75. “[...] a ausência de si mesma acabou por fazê-la cair dentro da noite e pacificada, escurecida e fresca, começou a morrer. Depois morreu docemente, como se fosse um fantasma. Não se sabe de mais nada porque ela morreu. Adivinha-se apenas que no fim ela também estava sendo feliz como uma coisa ou criatura podem ser. porque ela nascera para o essencial, para viver ou morrer. E o intermediário era-lhe o sofrimento. Sua existência foi tão completa e tão ligada à verdade que provavelmente na hora de entregar-se e findar, teria pensado, se tivesse o hábito de pensar: eu nunca fui. Também não se sabe o que se fez dela. A uma vida tão bela deve ter-se seguido uma morte bela também. Certamente hoje é grãos de terra. Olha pra cima, para o céu, durante todo o tempo. às vezes chove, ela fica cheia e redonda nos seus grãos. Depois vai secando com o estio e qualquer vento a dispersa. Ela é eterna agora”.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 160.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 188-189.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 190-196.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>38</sup> LISPECTOR, C. *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 96.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>45</sup> Ora, não é uma caracterização tão distinta daquilo que o bergsonismo concebeu acerca da duração, entretanto não há aqui um esforço de deslegitimação desta experiência. Em Bergson, a metafísica da duração estabelecia a continuidade perpétua do devir e a verdade do tempo. O bergsonismo cria, portanto, uma filosofia da luminosidade, da intuição criadora, e interdita o acesso a uma experiência da obscuridade. A experiência em Clarice é de outra natureza. A autora escarnifica a palavra para mostrar suas vísceras, sua veia pulsante, seu limite irrepresentável como parte da matéria estranha onde se transforma em “it”, em grito, em enigma. Ao contrário do bergsonismo, não se recusa à palavra o acesso imediato à imanência, entretanto também não se nega que a irrepresentabilidade não pode ser superada. Pois se trata justamente de romper com o paradigma da representação para apresentar a palavra como experiência real, e não simbólica. Como se ela estivesse colocada não mais para ver, para sentir a experiência que narro, mas para inaugurar um outro lado da experiência, uma ordem aberrante, uma penumbra a rodear o mundo. E é justamente disso que se trata: rodear a imanência como abutres rodeiam o corpo moribundo.

<sup>46</sup> WASSERMAN, R. Clarice Lispector e o Misticismo da Matéria. In: *Clarice Lispector: novos aportes críticos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2007.

mundo material”<sup>47</sup>. E a visão desta vida material causa vertigem, náusea. Convém lembrar aqui a estranheza desta outra natureza e deste outro materialismo, pois não se trata simplesmente de um recuo à dimensão da física inorgânica, mas sim em direção a algo neutro que subsiste no limiar entre a existência e a inexistência, entre sentido e não-sentido. Ou seja, uma matéria diferencial na qual a experiência subjetiva se lança para fora de si mesma, um movimento exterior assubjetivo que se apresenta como força movente. A este movimento aberrante imanente ao sujeito, Deleuze e Guattari, aprofundando Antonin Artaud, chamaram de *corpo-sem-órgãos*:

Dir-se-ia que os fluxos de energia estão ainda muito ligados, que os objetos parciais são ainda orgânicos em demasia. [...] O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível. Antonin Artaud o descobriu, lá onde ele se encontrava, sem forma e sem figura. Instinto de morte é o seu nome, e a morte não fica sem modelo. Porque o desejo deseja também isso, a morte, pois o corpo pleno da morte é seu motor imóvel, assim como deseja a vida, pois os órgãos da vida são a *working machine*. [...] O corpo-sem-órgãos não é o testemunho de um nada original, nem o resto de uma totalidade perdida. E, sobretudo, ele não é uma projeção: nada tem a ver com o corpo próprio ou uma imagem do corpo. É o corpo sem imagem<sup>48</sup>.

Vê-se aqui como Deleuze e Guattari pensam outro tipo de impulso vital, de produção desejante, que leva em conta a imanência da morte e tem uma grande relevância em sua teoria do inconsciente. “Dir-se-ia que o inconsciente como sujeito real disseminou por todo o contorno do seu ciclo um sujeito aparente, residual, nômade, que passa por todos os devires correspondentes às disjunções inclusas”<sup>49</sup>. O corpo-sem-órgãos é um modelo de inconsciente em que a produção desejante não é apenas um constructo psíquico cristalizado, mas uma força de criação e destruição concomitantes. Ele funciona como o limite esquizofrênico da produção desejante que ora se liga às máquinas abstratas que compõem os devires subjetivos, ora repele, afasta e descontinua estas mesmas máquinas<sup>50</sup>.

Conceber esta estrutura estranha do inconsciente, oscilatória, plena de agenciamentos exteriores a si próprio, implica uma certa relação com a ambiguidade da própria morte. Em *O Espaço Literário* (1955), Blanchot aprofunda esta ambiguidade e intempestividade impessoal da morte, ao que Deleuze & Guattari acrescentam:

Blanchot distingue bem este duplo caráter, estes dois aspectos irreduzíveis da morte: um pelo qual o sujeito aparente não para de viver e de viajar como Se [On], “não se para e não se acaba de morrer”; e o aspecto pelo qual esse mesmo sujeito, fixado como *Eu*, morre efetivamente, isto é, para finalmente de morrer, porque ele acaba por morrer na realidade de um derradeiro instante que

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 76. Yudith Rosenbaum quando disserta acerca da função da pulsão de morte em Clarice Lispector (ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do Mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 164) traz uma valiosa nota sobre o tema em Luiz Alfredo Garcia-Roza (*Acaso e Repetição em Psicanálise, uma introdução à teoria das pulsões*, p. 71) “O nirvana freudiano não é humano, não é sequer vital, já que a própria vida é vista como perturbação, como ‘rompedora da paz’; o estado de perfeito equilíbrio seria encontrado apenas no mundo inorgânico, antes de a vida ter feito sua emergência. Uma vez tendo se produzido esse desvio – a vida – seu destino natural não poderia ser outro senão o retorno ao inanimado. Para Freud, a idade de ouro não pertence aos deuses, mas à matéria”.

<sup>48</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 20.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 437.

<sup>50</sup> *Ibidem*. “[...] São esses devires e sentimentos intensos, são essas emoções intensivas que alimentam delírios e alucinações. Mas, em si mesmas, elas estão o mais próximo da matéria cujo grau zero investem em si próprias. Elas são as portadoras da experiência inconsciente da morte, já que a morte é o que volta a ser sentido em todo sentimento, é o que não para e não acaba de advir em todo devir – no devir-outro sexo, no devir-deus, no devir-raça etc., formando as zonas de intensidade sobre o corpo sem órgãos. Toda intensidade é portadora, em sua própria vida, da experiência da morte, e a envolve. E, sem dúvida, toda intensidade se extingue ao final, todo devir devém ele próprio um devir-morte!”

assim o fixa como *Eu* desfazendo totalmente a intensidade, reconduzindo-a ao zero que ela envolve<sup>51</sup>.

Clarice e Blanchot apontam ambos para uma dimensão do ser mais estranha que a duração, algo aquém do tempo, vazio, oco, estranho, obscuro. Algo que o olhar da intuição revela de sinistro e nauseante no âmago do ser. Acreditamos não se tratar no fim das contas de um antibergsonismo, mas sim de um *bergsonismo expandido*, capaz de mergulhar na experiência vertiginosa e intensa do nada, do vazio, do sem-tempo, do sem-espço, habitar a precursão sombria de um gênio maligno. Como se estivessem a alertar: O mergulho do eu profundo na duração é também uma experiência terrível, avassaladora, fascinante e poderosa. Olhar a obscuridade pode ser um caminho para a catatonia da desorganização, a derrocada na loucura. Mas a escrita se faz o meio pelo qual podemos retornar do limbo. Nas palavras de Deleuze, podemos fazer da escrita um *empirismo transcendental*. Eis do que se trata quando se propõe uma tal aproximação do fluxo vivente neste espaço da morte: não perder de vista a dimensão do impulso vital na exploração do neutro; anexar ao bergsonismo uma ontologia da linguagem para além da metáfora e das imagens. Um anexo que não pode ser simples complementação ou mero adendo. Mas algo capaz de abrir uma nova compreensão do movimento real da vida em sua crueza e obscuridade<sup>52</sup>.

## A ESCRITA E A EXIGÊNCIA FRAGMENTÁRIA

Quando a escrita ingressa na ficção parece nos situar numa superfície imaginária de amenidades irrelevantes, um mundo de fantasias que nada diria respeito ao mundo e à própria realidade. Nada mais equívoco do que esta proposição. A literatura que se abre à crítica da modernidade nos coloca numa região na qual a polaridade do sentido é invertida fazendo com que o real pareça estar mais próximo daquilo que escrevo do que daquilo que vivo. Isto porque é do *sentido* propriamente que se trata, da forma como construímos a rede de significações, ordenações e relações que chamamos de mundo. Por mais firme e seguro que pareça ser o tecido que mantém a existência unida, ela nunca deixará de apresentar suas frestas, fissuras, rachaduras em direção à fragmentação universal do real, ao neutro, à exterioridade pura. E o que faz a escrita abrir estas frestas em direção à matéria neutra é o *não-sentido*. Uma fissura instaura-se na duplicação imaginária, no espaço vazio que se abre ao não-sentido. Algo que murmura, um *objeto gritante* que pulsa deste lugar primeiro da imanência, emerge à superfície. Eis o *ultrarrealismo* da ficção, em que o fora é o simbólico por excelência daquilo que mostra o real radical que, justamente por seu paradoxo, fica suspenso na imprecisão e na indecisão, na falta de certeza e na ambiguidade.

<sup>51</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 437.

<sup>52</sup> Desde os simbolistas do séc. XIX, a linhagem maldita busca este subterrâneo se movendo sob as aparências da vida cotidiana: a feiura, o grotesco, o inumano. De Lautréamont à Klossowski, d'As Flores do Mal à Uma Temporada no Inferno, a "matéria-prima" dos malditos nunca deixa de ser o rumor que se assenhora do verso quando escrever é um ato de passagem, porque não dizer também de transgressão, entre a matéria intensa e a expressão das letras. Independentemente do que possa vir a se atualizar pela palavra, o pressentimento do rumor, do murmúrio, do silêncio, do vazio, do nada abissal (inconcebíveis no sistema bergsonista), são isto que faz com que haja uma linhagem maldita na literatura. Uma linhagem de escritores marginais, situados nas margens do representável, neste lugar de exterioridade pura imanente a vida. Porque a exterioridade por onde algo fala é a existência de um limite interior por onde este outro advém. Por isso encontrar este lugar significa superar o regime pelo qual a linguagem se faz representação amplificando a sua ausência, conferindo existência à inexistência, duplicando, espaçando, fragmentando o mundo. Eis porque Blanchot e Clarice são também escritores marcados pelo mal.

Não era possível a Bergson conceber a palavra como experiência imediata da duração, pois ela já é uma espacialização, ou seja, uma depreciação qualitativa da experiência original e sua intuição. Sabemos que Nietzsche e Bergson se aproximam pela denúncia que fazem do uso simbólico-representativo-conceitual da palavra. Contudo, Nietzsche parece apontar para uma forma de se usar as palavras para se chegar ao “real” ao modo do desgaste, do estranhamento: “Não temos linguagem para exprimir o que está no devir [...] Por baixo dessa proteção haveria esse *nada*, ou esse *fundo*, ou esse *Caos*, ou qualquer outra coisa inominável, que Nietzsche não ousava pronunciar”<sup>53</sup>. Müller-Lauter relembra que a efetividade em Nietzsche remete ao *continuum*, aquilo de subterrâneo que acontece sem cessar:

“Infelizmente, não temos nenhuma palavra para designar o que é efetivamente existente[...]” (KSA II.631,40). Quando quer manifestar-se sobre isso, apesar de sua convicção muitas vezes expressa da “incomunicabilidade das concepções últimas” (GA XVI, p. 419), o filósofo tem de se servir tanto das palavras do uso linguístico cotidiano, quanto da linguagem tradicional da metafísica que combate. Assume seus conceitos sem julgar que, com eles, se poderia “compreender” algo por completo. “Não há nenhum caminho que leve do conceito à essência das coisas” (KSA 7.211,7).

[...]

Nietzsche emprega palavras como sujeito, eu, indivíduo, pessoa, como *símbolos* para o que escapa à denominação. E ele os rejeita tão logo pensados como conceitos. O mesmo vale para as palavras com as quais distingue o *modo de ser* do verdadeiramente efetivo: impulso, força, afeto. A palavra “‘impulso’ é só uma tradução, na linguagem do sentimento, do que-não-sente” (KSA 10.250,7). Nunca se constatou uma *força*, mas sempre se afirmaram apenas “efeitos, traduzidos numa linguagem completamente *estranha*” (KSA 12.143,2)<sup>54</sup>.

O que se passa em Clarice e Blanchot é esta mesma busca pela palavra não simbólica, não conceitual e não representativa, que por sua vez atenuam o empréstimo inevitável que fazem da linguagem cotidiana remetendo sua tendência à fixidez numa palavra móvel, instável, portadora de um princípio de deslocamento. Uma vez a palavra, ela mesma, tornada coisa, matéria viva do espaço literário, liga de imediato sua condição não-representativa à intuição do ser profundo. De modo que a escrita passará a integrar uma modalidade exótica e aberrante de ser na região intersticial, neutra, estranha, portadora do materialismo obscuro dos seres que alcança a superfície do sentido-acontecimento<sup>55</sup>.

Clarice inicia *Água Viva* (1973) anunciando sua expedição em busca da “matéria do tempo”, da “quarta dimensão do instante-já”<sup>56</sup> e encontrará pelo caminho inevitavelmente o “substrato vibrante da palavra”<sup>57</sup>. Passa por Clarice os dois usos nietzschianos da

<sup>53</sup> KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000, p. 69.

<sup>54</sup> MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 54-55.

<sup>55</sup> DELEUZE, G. *A Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 8. “O termo mais alto não é pois o Ser, mas Alguma coisa, *aliquid*, na medida em que subsume o ser e o não-ser, as existências e as insistências. [...] *Eis que agora tudo sobe à superfície*. É o resultado da operação estoica: o ilimitado torna a subir. O devir-louco, o devir-ilimitado não é mais um fundo que murmura, mas sobe à superfície das coisas e se torna impassível. Não se trata mais de simulacros que escapam do fundo e se insinuam por toda a parte, mas de efeitos que se manifestam e desempenham seu papel. [...] O mais encoberto tornou-se o mais manifesto, todos os velhos paradoxos do devir reaparecerão numa nova juventude – transmutação. [...] Por um lado o mais profundo é o imediato; por outro, o imediato está na linguagem. O paradoxo aparece como destituição da profundidade, exibição dos acontecimentos na superfície, desdobramento da linguagem ao longo deste limite”.

<sup>56</sup> LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2019a, p. 27.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 28.

linguagem descritos por Müller-Lauter: a palavra cotidiana que contempla seu próprio desaparecimento e a conceitualidade metafísica que se desarranja em prol do *continuum*, do murmúrio vital que não cessa. Ora, desarranjar conceitos e elidir representações em direção ao incessante faz proliferar sempre uma nova palavra, uma nova máscara para representar o intempestivo que tão logo usada já é substituída por outra. “Quero poder pegar com a mão a palavra. A palavra é objeto? [...] Sim, quero a palavra última, que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real”<sup>58</sup>. Lançar-se na direção do abandono das categorias, das imagens vazias sem representação, é também um mergulho perigoso. A leitura de Clarice cria em nós afetos no limite de uma experiência catastrófica, uma derrocada no vazio e no sem-sentido. “Posso não ter sentido, mas é a mesma falta de sentido que tem na vida que pulsa [...] ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que te falo e sim outra coisa”<sup>59</sup>.

[...] passarei para o outro lado da vida. Como te dizer? é terrível e me ameaça. Sinto que não posso mais parar e me assusto. Procuo me distrair do medo. Mas há muito já parou o martelar real. estou sendo o incessante martelar em mim. Do qual tenho que me libertar. Mas não consigo: o outro lado de mim me chama. Os passos que ouço são os meus<sup>60</sup>.

Clarice define a sua escrita como fragmentária, mas o que isso significa no interior de sua narrativa? A fragmentação em seu estilo narrativo não vem da disjunção da construção sintática das suas frases. É o sentido das palavras que foi fragmentado, a estrutura de remissão representativa que funda a comunicação e a racionalidade que se perde. Em *Água Viva* somos arrastados por uma série de signos vazios<sup>61</sup> que se atropelam uns aos outros, como num caleidoscópio fascinante e vertiginoso<sup>62</sup>. Já em *A Paixão segundo GH*, o vazio, o contato com o desmedido e o inominável se fazem por uma experiência do grotesco:

É que como um pus subia à minha tona a minha mais verdadeira consistência – e eu sentia isso com susto e nojo que “eu ser” vinha de uma fonte muito anterior à humana e, com horror, muito maior que a humana. [...] A entrada para este quarto [que vibrava em silêncio, laboratório do inferno] só tinha uma passagem, e estreita: pela barata. A barata que enchia o quarto de vibração enfim aberta, as vibrações de seu guizo de cascavel no deserto. Através de dificultoso caminho, eu chegara à profunda incisão na parede que era aquele quarto [...] Meu medo não era de que estivesse indo para a loucura, e sim para uma verdade – meu medo era o de ter uma verdade que eu viesse a não querer, uma vontade infamante que me fizesse rastejar e ser do nível da barata<sup>63</sup>.

<sup>58</sup> LISPECTOR, C. *Op. cit.* 2019a, p. 29-30.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>61</sup> KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000, p. 57. “Para onde então refluí a intensidade? Ela ultrapassa os limites da rigidez dos signos e tem continuidade, por assim dizer, nos intervalos destes e, desse modo, cada intervalo (logo, cada silêncio) pertence (fora do encadeamento dos signos) às flutuações de intensidade pulsional. [...] Por exemplo, Nietzsche sabe, enquanto redige suas anotações sobre os impulsos, que estes estão agindo nele, mas que não há nenhuma concordância entre as *observações* que ele transcreve e os impulsos que conseguem fazer com que ele as escreva. Mas se ele está consciente do que escreve, é porque, naquele mesmo instante, ele *sabe* não apenas que ignora o que acaba de acontecer *para que* escreva, mas também que deve *ignorar-lo* (se quiser pensar e escrever) [...]”.

<sup>62</sup> DELEUZE, G. Hélène Cixous ou a escrita estroboscópica. In: *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 320.

<sup>63</sup> LISPECTOR, C. *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 56-57.



O desmoronamento de GH imobiliza no texto um instante intenso em sua experiência de simultaneidade. Sua identidade desconstitui-se paulatinamente neste instante dilatado do encontro com o “núcleo da vida” através da massa branca das vísceras da barata esmagada. E apesar de ter se situado neste lugar de não-consciência, houve a narrativa dos diversos instantes da derrocada, das diversas avalanches pela qual seu ser passou até se encontrar com este grande amor pelo inevitável, *fatum*. O que se fragmenta aqui é o próprio núcleo da subjetividade. Em *Água Viva* já não havia mais um eu, um enredo, um núcleo de significação. Clarice conjura a voz neutra incessante, clama à intensidade que lhe atravessa que se manifeste. Em ambos os momentos há uma espera que é desaceleração do tempo e uma febre de paixão feérica. Como a apontar para a imensa tarefa, trágica, irrealizável, de fazer falar o não idêntico mantendo a escrita e o próprio eu no umbral da passagem da indeterminação ao determinado.

Em *A Conversa Infinita* (1969), Blanchot apresenta alguns postulados sobre a escrita fragmentária. Diz Blanchot: “A fala de fragmento ignora a suficiência, ela é insuficiente, ela não se diz com vistas a si própria, ela não tem o seu conteúdo por sentido. Mas tampouco compõe com outros fragmentos para formar um pensamento mais completo”<sup>64</sup>. A fala fragmentária não é uma fala aforismática que deseja imobilizar, subsumir, definir suficientemente um pensamento em um curto conjunto de frases. Pelo contrário. O que caracteriza a escrita e a fala fragmentária é a sua insuficiência. “[...] entra no espaço do fragmentário, assume o risco de um pensamento que não garante mais a unidade”<sup>65</sup>. E esta exigência, força de dissolução, é o núcleo do que em Nietzsche se concebe como *Übermensch*, ou o *Além-do-Homem*. Blanchot enfatiza, em sua perspectiva do pensamento nietzschiano, que não se trata do advento de um novo homem, mas sim de fazer esse algo que se chama homem desaparecer, encontrar como sua essência o desaparecimento<sup>66</sup>.

A fala do fragmento ignora as contradições, mesmo quando contradiz. Dois textos fragmentários podem opor-se, eles se situam, no entanto, um após o outro, um sem relação com o outro, um relacionado ao outro por esse branco indeterminado que não os separa, não os reúne, leva-os ao limite que designam e que seria o seu sentido se precisamente eles não escapassem aí, hiperbolicamente, a uma fala de significação. O fato de ser situado assim, sempre *no limite* dá ao fragmento dois traços diferentes: fala de afirmação e não afirmando nada além desse mais e desse excedente de uma afirmação estranha à possibilidade – e no entanto de modo algum caracteriza nem tampouco fixa em uma certeza, nem situada numa positividade relativa ou absoluta, ainda menos dizendo de maneira privilegiada o ser ou dizendo-se a partir do ser, mas antes apagando-se já, deslizando para fora de si própria, deslizamento que a reduz a si própria, no murmúrio neutro da contestação<sup>67</sup>.

Vemos aqui, mais uma vez, o ponto de contato entre Blanchot e Clarice ao redor de Nietzsche. Situar-se na exigência fragmentária é antes encontrar uma fala que se lance para fora de si própria, que seja afirmação pura de seu próprio excesso. Fala a-significante que existe como concretização do afeto que ela faz emergir, mas também como experiência do vazio essencial e neutro. Neutro porque o que se abre ao escritor é este lugar nem positivo nem negativo, nem aberto, nem fechado, esta indecisão fundamental de onde a indeterminação produz sua criação. Silêncio paradoxal de onde emana a voz

<sup>64</sup> BLANCHOT, M. *A Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007, p. 115.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 121. “O homem desaparece, é uma afirmação. Mas essa afirmação imediatamente se desdobra em questão. O homem desaparece? É aquilo que nele desaparece, a desapareição que ele leva e que o leva, liberará o saber, liberará a linguagem das formas, das estruturas ou das finalidades que definem o espaço de nossa cultura? Em Nietzsche, a resposta cai com uma decisão quase terrível, e, no entanto, ela também se retém, fica em suspenso”.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 117.

da universalidade vazia, o murmúrio, a fala incessante. Aqui a fragmentação atualiza a indeterminação na captura fugidia do instante. Fragmentação é, pois, o resultado último da escarnificação da palavra. Encontrar do outro lado o Deserto, o Vazio, o Real, o Neutro – outra extensão, outra duração. Por meio da literatura, Blanchot e Clarice dão exemplo deste outro campo do pensamento no qual a impossibilidade de pensar é a condição de possibilidade do pensamento: *je pense, donc je ne suis pas*. Não era diferente o sentido de Zaratustra:

Redentor do acaso, este é o nome que ele [Zaratustra] reivindica. O que significa isso? Salvar o acaso não dizer fazê-lo entrar na série das condições: isso não seria salvá-lo, mas perdê-lo. Salvar o acaso é mantê-lo a salvo de tudo o que impediria de afirmá-lo como acaso assustador, aquele que o lance de dados não conseguiria abolir. E, do mesmo modo, decifrar o enigma será simplesmente fazer passar o desconhecido ao conhecido ou, ao contrário, desejá-lo como enigma na própria fala que o elucida, quer dizer, para além da clareza do sentido, abri-lo a essa linguagem outra que a luz não rege nem a ausência de luz obscurece? Assim, pedaços, fragmentos não devem surgir como os momentos de um discurso ainda incompleto, mas como essa linguagem, escrita de ruptura, pela qual o acaso, ao nível da afirmação, continua aleatório e o enigma se liberta da intimidade de seu segredo para, escrevendo-se, expor-se como o próprio enigma que mantém a escrita, porque esta o retoma sempre na neutralidade de seu próprio enigma<sup>68</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São raros os autores que não apenas compreenderam o *Übermensch*, mas que também encontraram nele o seu lugar próprio. Além-do-homem é menos um além do que um aquém, é uma inumanidade não desumana, a neutralidade que antecede o humano que não se pode determinar. Devir. Lidar com este grau de indeterminação é endereçar a escrita a um por vir, trazer das profundezas do abismo os devires nos quais o ser humano possa não apenas se desrealizar, mas encontrar a raiz da escatologia pela escrita. Quando se é feita a questão: para onde vai a literatura, Blanchot responde sempre indubitavelmente: para o seu desaparecimento constitutivo, imanente. Seu processo entrópico, sua região de regresso à indeterminação que lhe é fonte infinita e inalcançável. Falávamos há pouco que a escrita era uma espécie de redenção possível da derrocada no abismo, de retorno, de função narradora capaz de dar vazão ao excesso, codificar o incodificável. Mais além, lugar onde se é possível criar genuinamente, experimentar, desdobrar novas ideias, novos pensamentos. Não uma literatura para aplicar modelos e regras da lógica e da identidade. Clarice e Blanchot com suas obras desidentificam e desorientam os paradigmas clássicos e modernos do pensamento e da arte e mostram com isso uma forma própria do ser da literatura.

## REFERÊNCIAS

BLANCHOT, M. A **Conversa Infinita 2**: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

BLANCHOT, M. A **Parte do Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

BLANCHOT, M. La Folie par Excellence. In: **Critique**, Paris, n. 45, 1951.

---

<sup>68</sup> BLANCHOT, M. A *Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007, p. 135.

- BLANCHOT, M. **Lautréamont et Sade**. Paris: Editions de Minuit, 1963.
- BLANCHOT, M. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.
- BLANCHOT, M. **O Livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLANCHOT, M. **Thomas, L'Obscur**. Paris: Gallimard, 1950.
- CONFORTIN, R. **Teatralidade e Gestualidade em Clarice Lispector e Maurice Blanchot**. Tese. Florianópolis: UFSC, 2009.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O Anti Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G. Hélène Cixous ou a escrita estroboscópica. In: **A Ilha Deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DELEUZE, G. Imanência, uma vida... Trad. Sandro Kobol Fornazari. **Limiar**, v. 2, n. 4. Guarulhos, 2016. pp. 178-181.
- DELEUZE, G. O Método de Dramatização. In: **Ilha Deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- DELEUZE, G. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FERRAZ, A.H.S. De um bergsonismo sem duração, sem memória, sem élan. In: **Para uma Estética do Desaparecimento em Maurice Blanchot: a diferença interna da morte, a forma vazia do tempo e como Gilles Deleuze empregou estes conceitos**. Tese. Guarulhos: Unifesp, 2018.
- FILHO, E. A. A. & CASAL, A. M. Experiência interior, experiência-limite: escrever sob atração do impossível pensamento do desastre. In: **Interfaces**, n. 1, v. 2. Guarapuava, 2011. pp. 55-68.
- FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault. In: **Dits et Écrits IV**. Paris: Gallimard, 1994.
- GUERON, R. O Pássaro Duchaniano de Deleuze e Guattari. In: **Trágica: estudos de filosofia da Imanência**, v. 8, n. 3 Rio de Janeiro, 2015. pp. 86-102.
- KLOSSOWSKI, P. **Nietzsche e o Círculo Vicioso**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.
- LACAN, J. O. **Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954-1955)**. (O Seminário, 2). Trad. Maria Cristine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LISPECTOR, C. **A Paixão segundo GH**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019a.
- LISPECTOR, C. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019b.
- MARTENDAL, A. **A Escrita no Limiar do Sentido**. São Paulo: Escuta, 2007.

MARTON, S. **Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NASCIMENTO, E. **Clarice Lispector, uma Literatura Pensante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NUNES, B. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quiron, 1989.

PAVINI, R. O “Desaparecimento do Autor” Como Abertura Para o Pensamento em Blanchot e Foucault. In: **Dissertatio**, Pelotas, n. 54, p. 165-188, 2021.

ROSENBAUM, Y. **Metamorfoses do Mal: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Edusp, 2006.

SCHUBACK, M. S. C. **Atrás do Pensamento: A Filosofia de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

SEBASTIÃO, A. K. A. A Paixão do Neutro. In: **Revista Escrita**, Rio de Janeiro: PUC-Rio, n. 50425, 2020. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev\\_escrita.php?NrSecao\\_Art=Artigos&fas=28942&conteudo=23041&strSecao=show12&NrSecao=11](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_escrita.php?NrSecao_Art=Artigos&fas=28942&conteudo=23041&strSecao=show12&NrSecao=11). Acesso em 6/7/2023.

SKEIKA, J. A. O Funcionamento da Ideia de Corpo Sem Órgãos em uma Linguagem Esquizofrênica em *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector. In: **Revista Escrita**, Rio de Janeiro: PUC-Rio, n. 23041, 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=50425@3> Acesso em 6/7/2023.

STAROBINSKI, J. Thomas L'Obscur, Chapitre Premier. In: **Critique**, n. 229, Paris: Editions de Minuit, 1966.

WASSERMAN, R. Clarice Lispector e o Misticismo da Matéria. In: **Clarice Lispector: novos aportes críticos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana. 2007.

Recebido em 27.06.2023.

Aceito para publicação em 03.08.2023.

© 2023 Adriano Ferraz. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ( [http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR) ).